

A REVIRAVOLTA DE CONSCIÊNCIA DE EUCLIDES DA CUNHA: UMA ANÁLISE LITERÁRIA, TEXTUAL, BIOGRÁFICA E HISTÓRICA

Euclides da Cunha's conscience turnaround: a literary, textual, biographical and historical analysis

El cambio de conciencia de Euclides da Cunha: un análisis literario, textual, biográfico e histórico

Allan Marx de Moraes Pereira¹
Débora Reis Tavares²

Resumo

Esse artigo examina a trajetória que culminou na reviravolta de consciência de Euclides da Cunha - que passou de fervoroso apoiador da Guerra de Canudos a crítico mordaz -, delineando suas possíveis causas e circunstâncias, e discute a hipótese de que a ruína de seus ideais republicanos seja um dos principais fatores que impulsionaram a escrita de *Os Sertões*. Para isso, foram selecionados trechos de artigos, reportagens, telegramas e cartas de 1886 até 1897, durante os primórdios da República.

Palavras-chave: Euclides da Cunha. Os Sertões. República. Literatura. Biografia.

Abstract

This article examines the trajectory that culminated on a consciousness shift in Euclides da Cunha - from a passionate War of Canudos supporter to its scathing critic - tracing its possible causes and circumstances, also discussing a hypothesis that the shattering of republican ideas may be one of the factors that have boosted the writing of *Os Sertões*. To do so, we have selected several articles, news reports, telegrams and letters from 1886 until 1897 during the early stages of the Republic.

Keywords: Euclides da Cunha. Os Sertões. Republic. Literature. Biography.

Resumen

Este artículo examina la trayectoria que culminó con el cambio de conciencia de Euclides da Cunha - quien pasó de ferviente partidario de la Guerra de Canudos a su mordaz crítico -, esbozando sus posibles causas y circunstancias, y discute la hipótesis de que la ruina de los ideales republicanos es un de los principales factores que impulsaron la escritura de *Os Sertões*. Para esto, se seleccionaron extractos de artículos, informes, telegramas y cartas de 1886 a 1897, durante los primeros días de la República.

Palabras-clave: Euclides da Cunha. Os Sertões. República. Literatura. Biografia.

¹ Bacharel em Direito pela Universidade Federal de Goiás; Licenciando em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, SP, Brasil. Endereço de e-mail: allanmarx87@gmail.com - Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4389-4043>

² Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo; São Paulo, SP, Brasil. Endereço de e-mail: debora.tavares@alumni.usp.br - Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3081-7532>

1. O maior *mea culpa* da literatura brasileira

“Procurar-se a verdade neste torvelinho é impor-se a tarefa estéril e fatigante de Sísifo.”

Euclides da Cunha - Diário de uma expedição

Em 2 de dezembro de 1902, cinco anos após a destruição do arraial de Canudos – chamado de povoado do Belo Monte por Antônio Conselheiro –, Euclides da Cunha publicou *Os Sertões: Campanha de Canudos*. A obra consiste em três partes: A Terra, O Homem e A Luta. A primeira examina as condições geográficas, a saber, geologia, relevo, clima, solo, flora, fauna e, principalmente, as causas do regime de secas da região. A segunda estuda a formação antropológica do povo brasileiro, a gênese do sertanejo e sua cultura, e a trajetória do líder carismático Antônio Conselheiro. Na terceira, narra-se o conflito entre a sociedade urbana e a sertaneja, cujo desfecho foi o aniquilamento de Canudos.

Os intentos denunciativos do autor são revelados logo na nota preliminar do livro, que ressalta o caráter criminoso da intervenção: “Aquela campanha lembra um refluxo para o passado. E foi, na significação integral da palavra, um crime. Denunciemo-lo” (2018, p. 67). O autor, outrora fervoroso apoiador da ação do Exército no sertão baiano – em 1897 publicara artigos exaltados em defesa dela – mudou radicalmente de opinião, uma reviravolta de consciência apontada por Walnice Nogueira Galvão como “o maior *mea culpa* da literatura brasileira” (Galvão, 2009, p. 33). Embora o delineamento das razões da mudança de perspectiva de Euclides não seja tarefa simples, relacionar eventos históricos, a trajetória

biográfica do autor e alguns de seus escritos jornalísticos pode contribuir consideravelmente para entender o percurso que culminou na denúncia realizada em sua magnum opus.

Roberto Ventura entende que “A revisão da República é central na obra de Euclides da Cunha, revelando uma preocupação que manteve ao longo da vida” (1996, p. 275), e associa a escrita de *Os Sertões* ao desencantamento do escritor com o regime republicano. O pesquisador observa que Euclides “Passou da militância pela República à descrença com os rumos do novo regime, numa mudança que se deu em pouco mais de dez anos, de 1886 a 1897, entre o início dos estudos militares e a cobertura da guerra de Canudos” (Ventura, 1996, p. 275), período histórico no qual iremos nos concentrar para analisar a mudança de posicionamento do escritor.

Durante esse período, Euclides, feito um pêndulo, ora se esperançava, ora se desencantava com a República. O conflito entre o ideal e o fático é, destarte, fundamental para compreender as vicissitudes de sua vida, o vaivém de seu pensamento político e sua literatura. Buscaremos, neste artigo, examinar a trajetória que levou à sua reviravolta de consciência, delineando as possíveis causas e circunstâncias dessa guinada, e discutir a hipótese de que a ruína dos ideais republicanos seja um dos principais fatores que impulsionaram a escrita de *Os Sertões*.

Para isso, refletiremos sobre a tumultuada relação de Euclides com o regime republicano no período de 1886 a 1896, nos apoiando sobretudo nas pesquisas de Roberto Ventura e Leonardo Bernucci, e, em seguida, de maneira mais minuciosa, analisaremos a contribuição do escritor para a propaganda de guerra em 1897 – ano em que ele esteve no palco dos acontecimentos como correspondente do jornal *O Estado de São Paulo* – e as alterações em seu discurso que indicavam o desmoronamento de suas crenças e a ruína do ideal republicano.

Para o exame dos discursos do escritor em 1897 – que constitui o foco principal deste trabalho – utilizaremos artigos e reportagens publicados em jornais, telegramas e cartas.

2. O pêndulo entre esperança e desesperança

Euclides da Cunha nasceu em 1866, no município de Cantagalo, no Rio de Janeiro. Na juventude cursou a Escola Politécnica e, em seguida, a Escola Militar da Praia Vermelha, na qual ingressou em 1886 e pela qual se formaria em engenharia. A adaptação de Euclides à disciplina severa do quartel foi custosa. Em 1888, ele registrou nas notas de um caderno o esforço para domar o espírito irascível: “Dominar-me! Este trabalho de Hércules que a minha consciência a todo o instante impõe-me, [...] pois para mim dominar a violência é mais difícil e mais perigoso que subjugar um touro” (apud Ventura, 2019b, p. 73).

Ao gênio abespinhadiço, juntar-se-ia a rebeldia republicana. Roberto Ventura (2019b, p. 60) relata que a escola era um núcleo de propagação de ideias positivistas, evolucionistas e republicanas. Sob a influência do professor Benjamin Constant, positivista não ortodoxo que teria papel relevante no golpe que instituiu a República, Euclides aderiu ao positivismo de Auguste Comte e ao evolucionismo de Herbert Spencer. Inspirava-o, ainda, sobremaneira, a Revolução Francesa, completando a miscelânea de crenças do cadete, que enxergava a República como a salvação da nação brasileira.

Em meio a esse panorama complexo, em 4 de novembro de 1888, ocorreria um episódio marcante na vida de Euclides, atribuído por Bernucci (2018, p. 52) ao “espírito rebelde de republicano”. Constam, segundo o estudioso, pelo menos duas versões sobre as motivações do incidente. Na primeira, a transferência da Escola Militar da Praia Vermelha para Angra dos

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

Reis, com o propósito de reduzir as agitações políticas, além da insatisfação dos alunos do terceiro ano pela demora na promoção para o posto de alferes-aluno, prevista em lei, teria levado Euclides e seus colegas a protestarem diante de Tomás Coelho, Ministro da Guerra do Império, em sua visita à escola. Na segunda versão, os alunos planejavam assistir ao desembarque de Lopes Trovão, tribuno republicano que voltava da Europa; entretanto, a visita regulamentar de Tomás Coelho, prevista para o dia 3, teria sido adiada para o dia seguinte com o intuito de impossibilitar a presença dos alunos no desembarque. Em 6 de novembro, Euclides foi preso e conduzido para a Fortaleza de Santa Cruz, onde permaneceu até 13 de dezembro. Em 14 de dezembro, foi expulso do exército. (Bernucci, 2018, pp. 52-3)

Pouco mais de um ano após o grave episódio, ocorreria, em 15 de novembro de 1889, a Proclamação da República. Com o apoio de Benjamin Constant, novo ministro da Guerra e seu antigo mestre, Euclides foi reintegrado ao exército, que o acolheu calorosamente. Em 8 de janeiro de 1890, matriculou-se na Escola Superior de Guerra e, nos anos seguintes, concluiu os cursos de Artilharia, Estado-Maior, Engenharia Militar e Matemáticas e Ciências Físicas. Também recebeu promoções, tornando-se, por último, tenente. (Bernucci, 2018, pp. 54-5)

Nesse ínterim, continuou colecionando desavenças. Meses depois do golpe que instituiu a República, decepcionou-se com o governo do marechal Deodoro da Fonseca. Publicou, de março a junho de 1890, no jornal *Democracia*, artigos criticando a política de promoções no exército, a política econômica de Rui Barbosa e o decreto que concedia ao ex-imperador D. Pedro II um adiantamento pelo espólio de seus bens. Desencantou-se, também, com seu antigo mestre Benjamin Constant, que nomeara parentes e amigos para cargos no governo (Ventura, 2019b, pp. 98-100). Diante da situação do país, que julgava um “descalabro assustador”, lamentou a “tristíssima ruína de ideais longamente acalentados...” (Galvão; Galotti, 1997, p.

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

30). Ventura identifica, nessa época, o aparecimento da questão central de sua literatura: “Tratou, em grande parte de seus artigos e livros, da ruína do sonho republicano convertido em amarga decepção e da busca de um novo rumo para o país (2019b, p. 100).

A decepção com os rumos políticos do país o levou a participar do Golpe da Marinha, que em 1891 alçou o marechal Floriano Peixoto ao poder. No entanto, ao final de 1892, Euclides mostrou-se insatisfeito com o novo governo e abandonou a postura governista. Em abril do ano seguinte, seu descontentamento se acentua: em cartas a Reinaldo Porchat, condena a nefasta política que, em sua visão, os desgovernava, e critica o regime republicano, que, contra as expectativas, excluía o povo do processo político: “Eu às vezes acredito que houve duas abdições no dia 15 de novembro – a do Imperador e a dele [do povo]” (Galvão; Galotti, 1997, p. 46). Euclides enxerga o povo prostrado, sem consciência política e sem vigor para sair de uma situação que julga deplorável.

Em 1893, diante da Revolta da Armada, o escritor, temendo a restauração monárquica, voltou a se colocar do lado do governo, embora expressasse profunda insatisfação com a política (Galvão; Galotti, 1997, pp. 50-2). Não demoraria, entretanto, para que as relações entre Euclides e seus superiores se estremecessem irreparavelmente. No início de 1894, protestou na Gazeta de Notícias contra o senador florianista João Cordeiro, que havia sugerido a execução sumária de presos políticos. O ato criou um clima de desconfiança entre seus chefes militares e o fez perder a consideração de Floriano Peixoto e dos jacobinos.

Extinta a revolta, ele foi removido, em 28 de março de 1894, para a cidade de Campanha, em Minas Gerais, onde passou a acompanhar obras militares (Bernucci, 2018, pp. 55-6). Em carta a Bueno Brandão, Euclides declarou sentir-se “exilado dentro da sua própria terra” (Galvão, Galotti, 1997, p. 95). Em 1895, requereu licença por motivos de saúde; em abril e

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

março, foi examinado por juntas médicas, que o julgaram incapaz para o serviço militar; e em junho, licenciou-se.

À época da Guerra de Canudos, Euclides estava descontente com o trabalho de engenheiro, que o sobrecarregava e o entediava. Ventura (2019b, pp.157-8) entende que o fiasco da expedição liderada por Moreira César reacendeu os anseios revolucionários de Euclides, que sentia nostalgia dos tempos de militância republicana e passou a ver o confronto no sertão baiano como uma chance de regenerar a República. O pesquisador observa que o temor de uma conspiração monárquica contribuiu decisivamente para que o escritor se deixasse levar pela máquina de propaganda da imprensa e do governo.

Euclides estava alheio ao complexo arranjo político que engendrou a Guerra de Canudos. Motivos políticos, ao invés do antirrepublicanismo de Antônio Conselheiro, foram preponderantes para a aniquilação do arraial, conforme esclarece Ventura (2019a, p. 35). Diversos fatores são apontados, alguns regionais: conflitos entre facções partidárias na Bahia; a atuação da igreja contra beatos e pregadores; pressões de proprietários de terra temendo a escassez de mão de obra na região. Em nível nacional, sobressai-se o embate entre civilistas e militaristas pela sucessão de Prudente de Moraes. O pesquisador acrescenta que o confronto no sertão baiano serviu de pretexto para a repressão de grupos monarquistas, que desejavam restaurar o Império, e para o esmagamento dos setores jacobinos e florianistas, que buscavam devolver o poder aos militares, além de colaborar para a implantação da política dos governadores.

Ventura (2019b, p. 157) interpreta que o conflito “preenchia o vazio político e existencial em que Euclides se encontrava desde o fim da luta heroica pela República”. Como veremos na próxima seção, “A cobertura da guerra, de agosto a outubro de 1897, como correspondente de

O *Estado de S. Paulo*, iria lançá-lo porém em um vazio maior, na vertigem provocada pela destruição do sonho republicano” (Ventura, 2019b, p.158).

3. A destruição dos ideais republicanos

Em 14 de março e 17 de julho de 1897, Euclides publicou, no jornal *O Estado de S. Paulo*, dois artigos sob o mesmo título: *A nossa Vendéia*, nos quais comparava o conflito no interior da Bahia com a insurreição monarquista católica ocorrida em 1793 na região da Vendéia, na França, em que camponeses e nobres aliaram-se em oposição à Revolução Francesa.

O primeiro (Cunha, 2000, pp. 43-52), publicado logo após o surpreendente fracasso da terceira expedição, trata principalmente de aspectos naturais. O autor baseou-se em documentos e trabalhos científicos – sobretudo nos estudos de Teodoro Sampaio –, para descrever a formação geológica, o relevo, o clima, o solo e a vegetação do extremo norte da Bahia, onde jamais estivera. As características físicas do local explicariam, segundo ele, as dificuldades enfrentadas pelo exército: “[...] o solo daquelas paragens, arenoso e estéril, revestido, sobretudo nas épocas de seca, de vegetação escassa e deprimida, é, talvez, mais do que a horda dos fanatizados sequazes de Antônio Conselheiro, o mais sério inimigo das forças republicanas” (Cunha, 2000, p. 44).

Na parte final do texto, o autor (Cunha, 2000, p. 51) justifica a aproximação histórica expressa no título e equipara o *chouan*, camponês católico e monarquista que combateu a Revolução Francesa, ao *tabaréu*. O primeiro é caracterizado como “fervorosamente crente”; o segundo, tachado de “fanático”; ambos são vistos como almas ingênuas e simples,

aproveitadas por propagandistas da monarquia. Na conclusão, compara a situação vivida pela jovem República brasileira com as atribulações sofridas pela Revolução Francesa:

A justeza do paralelo estende-se aos próprios revezes sofridos. A Revolução Francesa que se aparelhava para lutar com a Europa, quase sentiu-se impotente para combater os adversários impalpáveis da Vendéia – heróis intangíveis que se escoando céleres através das charnecas prendiam as forças republicanas em inextricável rede de ciladas... Entre nós o terreno, como vimos, sob um outro aspecto embora, presta-se aos mesmos fins. Este paralelo será, porém, levado às últimas consequências. A República sairá triunfante desta última prova. (Cunha, 2000, pp. 51-52)

A projeção de elementos da Revolução Francesa sobre a história brasileira era uma obsessão antiga do escritor, proveniente, de acordo com Ventura (2019b, p. 113), das leituras de Jules Michelet e de Thomas Carlyle. Walnice Nogueira Galvão (2000, p. 11) afirma que a comparação estabelecida por Euclides em *A nossa Vendéia* tornou-se, à época, célebre, e o seu uso, recorrente.

Esse paralelo entre ideais europeus e o panorama árido brasileiro nos permite refletir sobre as disparidades na implantação de um conjunto de ideias iluministas em solo colonizado, pautado por um sistema que opera apenas para alguns. Conforme comenta Roberto Schwarz, podemos perceber “a disparidade entre a sociedade brasileira, escravista, e as ideias do liberalismo europeu (...) que assim faziam parte de nossa identidade nacional” (2014, pp. 40-1).

No segundo artigo (Cunha, 2000, pp. 52-61), publicado pouco antes da quarta campanha, Euclides lamenta as derrotas sofridas nas três primeiras e busca justificá-las: culpa as

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

condições da luta, o solo impraticável e a tática da fuga dos jagunços – a quem atribui a vantagem da inferioridade; aponta, ainda, exemplos de revezes de exércitos de potências militares para guerrilheiros inexperientes. O jagunço é caracterizado como bárbaro, impetuoso e abrupto, reflexo da natureza que o criou, em cujo seio seria impossível persegui-lo. Na parte final, atreve-se a dar conselhos táticos e estratégicos às forças armadas. Em algumas ocasiões, Euclides louva o heroísmo, a abnegação e a bravura dos “soldados da República”. O tom propagandístico, com alguma afetação, sobressai: “A marcha do exército nacional, a partir de Jeremoabo e Monte Santo até Canudos, já constitui por isto um fato proeminente na nossa história militar. É uma página vibrante de abnegação e heroísmo” (Cunha, 2000, p. 59).

Em vários aspectos, os artigos soam como uma sofisticada propaganda política: o escritor esforça-se para justificar, de maneira racional e técnica, as impensáveis derrotas do exército, cujo prestígio estava abalado; os soldados são enaltecidos com artificialidade e sentimentalismo; e o descabido paralelo histórico fantasia uma ameaça irreal.

No dia da publicação do primeiro artigo, Euclides escreveu uma carta ao amigo João Luís Alves; nela, afasta-se da argumentação racional forjada em *A nossa Vendéia*, descortinando, em tom exaltado, sua imensa insatisfação:

Creio que como eu estás ainda sob a pressão do deplorável revés de Canudos aonde a nossa República tão heróica e tão forte curvou a cerviz ante uma horda desordenada de fanáticos maltrapilhos... Que imensa, que dolorosa, que profunda e que esmagadora vergonha, meu caro João Luís! O nosso belo ideal político – estes fatos o dizem eloquentemente – continua assim sacrificada pelos políticos tontos egoístas que nos governam. [...] Felizmente a geração heróica de 15 de novembro está ainda robusta e, ao que parece, pouco disposta a deixar que extingam a sua mais bela criação. Procurando ser otimista (difícil coisa

nestes tempos maus!) vejo nesta situação dolorosa um meio eficaz para ser provada a fé republicana. Não achas que ela resistirá brilhantemente – emergindo amanhã, rediviva dentre um espantoso acervo de perigos? Eu creio sinceramente que sim. (Galvão; Galotti, 1997, p. 103)

Euclides mostra-se indignado pela ruína da terceira expedição, classifica como vergonhosa a derrota para um bando de fanáticos esfarrapados, e tece críticas aos governantes, que são responsabilizados pelo fiasco do exército. Embora reconheça a dificuldade para manter-se otimista em tempos que considerava difíceis, vislumbra, na Guerra de Canudos, uma oportunidade de revivificação dos ideais republicanos. O escritor não parecia perceber os arranjos políticos nacionais e regionais que ocasionaram a guerra e reduziu-a a um embate entre a República e os restauradores do Império.

Em 1º de abril, em outra carta ao amigo, sua fúria voltou-se contra as tropas, que foram chamadas de “bando de fugidos” (Galvão; Galotti, 1997, p. 105). Euclides condena veementemente a debandada de soldados da terceira expedição: “O que me impressiona não são as derrotas - são as derrotas sem combate” (Galvão; Galotti, 1997, p. 105) e trata esses fracassos como uma série de escândalos que “tem desmoralizado a História!” A carta revela a devastação do escritor, que se descreve “Descrente destas coisas, descrente desta terra – aonde lamento ter nascido” (Galvão; Galotti, 1997, p. 105). Nota-se, pelo nível de exasperação, tanto a genuinidade do seu republicanismo como a perturbação e o obscurecimento do seu juízo. As missivas comprovam a afirmação de Ventura segundo a qual Euclides “se deixou cegar pela máquina de propaganda da imprensa e do governo” (Ventura, 2019a, p. 43).

Depois da publicação da segunda parte de *A nossa Vendéia*, em julho de 1897, Euclides foi convidado por Júlio Mesquita, proprietário de *O Estado de S. Paulo*, para ser correspondente

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

de guerra. Walnice Nogueira Galvão (2000, p. 12) afirma que o jornal estava atrasado em relação aos principais periódicos do Rio de Janeiro e da Bahia, que já haviam enviado jornalistas ao local do conflito e publicavam reportagens com regularidade. Em 29 de julho, Mesquita enviou um telegrama ao presidente da República, Prudente de Moraes, em que ressaltava tanto o “talento de escritor quanto dedicação de soldado republicano” de Euclides (Cunha, 2000, p. 13) e menciona que o seu encarregado queria “prestar serviços à República e preparar elementos para um trabalho histórico” (Cunha, 2000, p. 13).

A solicitação de Mesquita foi atendida. Nomeado adido ao estado-maior do ministro da Guerra, o engenheiro e tenente reformado Euclides da Cunha embarcou dois dias depois, em primeiro de agosto. A missiva soa como um presságio: Euclides expressa o desígnio de justiça e o compromisso com a verdade. A admirável aspiração do escritor concretizar-se-ia, porém não naquele momento.

Da Bahia, Euclides escreveu, de 7 de agosto a 14 de outubro, uma série de reportagens e telegramas, publicados de 8 de agosto a 25 de outubro no jornal *O Estado de S. Paulo*. Nesse conjunto de escritos, ele exprime toda a sua fé no novo regime: “[...] como um antídoto enérgico, um reagente infalível, alevanta-se, ao Norte, o nosso grande ideal – a República [...]” (Cunha, 2000, p. 67). Tal qual nos escritos anteriores, interpreta a guerra no sertão da Bahia como uma contenda entre restauradores monarquistas e o regime republicano; também crê, disparatadamente, no papel civilizador daquela carnificina.

A paisagem nublada, tenebrosa – metáfora para aqueles tempos –, desvanecer-se-ia; em meio ao cintilar de espadas e à fulguração da metralha, raiaria, resplandecente, o grande dia; pouco importava, no entanto, se esse belo alvorecer iluminasse um solo manchado de sangue:

Que a nossa Vendéia se embuce num largo manto tenebroso de nuvens, avultando além como a sombra de uma emboscada entre os deslumbramentos do grande dia tropical que nos alenta. Rompê-lo-á, breve, a fulguração da metralha, de envolta num cintilar vivíssimo de espadas... A República é imortal! (Cunha, 2000, p. 68)

A escrita de Euclides, especialmente nos telegramas, torna-se, por vezes, panfletária. Não são raras as ocasiões em que o escritor, exaltado, bradava “Viva a República!” (Cunha, 2000, pp. 225, 260, 261). Em sua visão, sobressaía-se, depois de longos anos de apatia, um momento grandioso, comparável às lutas de Independência. Em 3 de outubro, o correspondente expressou vibração e euforia ao relatar que o povoado sertanejo ardia em chamas: “Continua o incêndio no arraial de Canudos. O batalhão paulista tem acompanhado brilhantemente os esforços heróicos do exército. A vitória é infalível. A República é imortal!” (Cunha, 2000, p. 265). Nota-se, no fragmento, a turvação do discernimento de Euclides, que julgou heróico o empenho do Exército para aniquilar a multidão de pobres. A morte, para o soldado, era uma ocasião especial – gloriosa e bela –, seja ao matar, como na passagem anterior, seja ao morrer:

[...] o moço republicano, que era um oficial valente, jovial e bom, tirou o chapéu, agitando-o entusiasticamente e ergueu – febricitante – um viva fervoroso à República. Essa saudação custou-lhe a vida: a vida fugiu-lhe do peito de envolta nas vibrações de um brado heróico, precisamente na ocasião em que a sua alma sincera ansiava pela existência eterna da República. Morreu como sabem morrer os imortais, aquele digno, leal e esplêndido companheiro... (Cunha, 2000, p. 215)

Euclides parece idealizar e politizar a atividade bélica. Na construção do primeiro período, o termo “o moço republicano” foi escolhido para exercer a função de sujeito da oração principal. Poderia ter sido uma opção o substantivo “oficial” - deslocado para o núcleo da oração

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

subordinada adjetiva. O escritor busca, com esse arranjo, representar a morte de um jovem que lutava por seus ideais republicanos; a condição castrense seria, por consequência, secundária. Outro intento parece ser o de insinuar um voluntarismo heroico das tropas: os soldados não teriam ido à guerra por encargo, pela obrigação militar, mas espontaneamente, pela República. A cena é dramatizada sobremaneira: no momento em que o moço republicano almejava a imortalidade do novo regime, sua vida esvai-se, em meio às trepidações de um berro épico; o falecido torna-se, então, pela magnanimidade, imortal.

Em outras ocasiões, a glorificação dos soldados é ainda mais exagerada, a ponto de serem elevados à categoria de figuras celestiais. As cenas lembram pinturas de figuras sagradas. Em uma delas, um andrajo ensanguentado, comparável a uma auréola, circunda a cabeça baleada do guerreiro – um quadro melancólico, enobrecedor e divino: “um patrício do Sul talvez, figura varonil irrompendo elegante entre os andrajos, alevante, numa tristeza ativa, a cabeça, - como se fosse uma auréola o trapo ensanguentado que lhe circunda a fronte baleada” (Cunha, 2000, p. 78). Em outra, contemplamos o regresso triunfal de heróis aureolados – um exército de santos –, em meio à ovação apaixonada do povo: “a majestade do triunfo dos heróis que chegam, longamente esperados, entrando nas cidades ornamentadas, sob arcos triunfais artisticamente constituídos, emergindo aureolados do seio de um povo que veio à praça pública” (Cunha, 2000, pp. 78-83).

Enquanto a graça celestial cobria a legião fardada, nos rincões do sertão, às margens do rio Vaza-Barris, Euclides entrevia o reino das sombras. Não raro, empregava as expressões “povoação maldita”, “arraial maldito” e “templo maldito” (Cunha, 2000, pp. 80, 185 e 194) para se referir a Canudos. Em outras ocasiões, o agrupamento de cristãos tradicionalistas foi

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

chamado de “Meca dos jagunços” (Cunha, 2000, pp. 67, 82), uma crítica ao suposto fanatismo dos sertanejos.

Na lenda bíblica, um deus furioso fulminou Sodoma e Gomorra; no sertão baiano, o senhor da vida e da morte era Prudente de Moraes, que, em 7 de outubro, ordenou: “Em Canudos não ficará pedra sobre pedra, para que não mais possa reproduzir-se aquela cidadela maldita, e este serviço a nação deve ao heroico e correto Exército” (apud Ventura, 2019a, p. 35). Na perspectiva de Euclides, contudo, a refrega contra o homem interiorano, tachado de fanático, não teria um caráter exclusivamente destruidor; haveria uma missão civilizadora a ser cumprida: “nossa vitória, amanhã, não deve ter exclusivamente um caráter destruidor. Depois da nossa vitória, inevitável e próxima, resta-nos o dever de incorporar à civilização estes rudes patrícios que – digamos com segurança – constituem o cerne da nossa nacionalidade” (Cunha, 2000, p. 140).

A partir do trecho acima, podemos perceber como o etnocentrismo do escritor é patente: sobre as costas dos patrícios do litoral, membros da civilização, pesava o encargo humanitário de domesticar os selvagens dos sertões. A propensão de Euclides para importar e adaptar ideais alienígenas é demonstrada pela criação desse “fardo do homem branco” à brasileira, de forma que parece ser “inevitável este desajuste, ao qual estávamos condenados pela máquina do colonialismo, e ao qual, para que já fique indicado o seu alcance mais que nacional, estava condenada a mesma máquina quando nos produzia” (Schwarz, 2014, p. 511).

O pensamento euclidiano torna-se, no entanto, contraditório: embora tenha adotado concepções originalmente usadas como sustentáculo do neocolonialismo, ele condenava as atrocidades cometidas pelas potências europeias, como expressou em carta enviada a Reinaldo Porchat em dezembro de 1893: “Não vês a maneira pela qual as gentes

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

pseudocivilizadas tratam os selvagens de todo mundo? A França, a Inglaterra, a Alemanha, exercendo miseravelmente o banditismo mais torpe roubando pátrias, saqueando os lares tranquilos dos bárbaros na África e na Ásia.” (Galvão; Galotti, 1997, p. 57).

Nessa missiva, Euclides denunciou o presunçoso homem europeu, que se jactava de seu suposto estágio civilizatório elevado, de sua sofisticação, mas que se revelava, na verdade, perverso e dissimulado, sorrindo e usando luvas de pelica enquanto saqueava pátrias e massacrava povos: “O estrangeiro, o estrangeiro que se diz civilizado – considero-o inimigo. É o inimigo pior e covarde, de luvas de pelica e sorridente, que nos mata e ao mesmo tempo avilta-nos” (Galvão; Galotti, 1997, p. 57). O escritor tinha consciência de que o que se tornaria conhecido como “fardo do homem branco” era uma falácia que disfarçava a ganância das nações europeias. Não percebia, entretanto, que a chacina dos sertanejos, levada a cabo por seus irmãos da costa, era semelhante a várias ações cruentas e desumanas das potências mundiais, apesar das motivações distintas, nem que as justificativas que usou eram idênticas.

Nos escritos da época da guerra, identifica-se, contudo, evidências de que Euclides desconfiava da narrativa hegemônica e de que ruía sua fé no papel civilizador daquela carnificina. Em 22 de agosto, enviou dois telegramas a respeito das declarações do coronel Carlos Teles, publicadas no Diário da Bahia, que contradiziam o que era comumente publicado na imprensa da época (apud Cunha, 2000, pp. 242-3). O depoimento do militar vai de encontro à versão oficial, segundo a qual os rebeldes sertanejos teriam intuítos monárquicos, alegação que sustentava a intervenção estatal. O coronel nega, ainda, algumas fantasias da época: a de que estrangeiros obscuros auxiliavam os insurgentes e a de que estes estavam aparelhados com balas explosivas e armas modernas jamais vistas. Termina a carta com uma declaração de impacto, alegando que a verdade estaria sendo falsificada com o propósito de amedrontar

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

a população: “adulterar a verdade para encarecer Canudos, é alarmar o espírito público, e a isto não me presto. Não vivo de reclamos, digo sempre o que se me afigura a verdade” (apud Cunha, 2000, p. 243).

Em reportagem escrita no dia seguinte, Euclides (Cunha, 2000, p. 125) contemporiza as declarações de Carlos Teles, elogia a bravura e a sinceridade do comandante, mas alega que homens de sua estatura teriam a tendência instintiva de subestimar adversidades e ameaças. É notável, entretanto, sua reflexão sobre a impossibilidade de enxergar a verdade naquele tumulto de impressões contraditórias: “nesse tumulto de impressões diversas e de ideias que se entrechocam [...], as concepções como que se formam através de um filtro invertido no qual os elementos entram límpidos e saem impuros e turbados. Eu sistematizo a dúvida” (Cunha, 2000, p. 125). A passagem mostra o correspondente de guerra assolado por incertezas, sem conseguir distinguir o real do imaginário. A comparação evocada traduz a situação caótica: através de um filtro às avessas, elementos puros, diáfanos, tornar-se-iam turvos, obscuros, indecifráveis...

O edifício de certezas de Euclides desmoronava-se. Nos últimos dias da guerra, oscilava entre a euforia, a fé na República, e a desilusão, movimento que marcou sua vida. Em sua derradeira reportagem, de 1º de outubro, o escritor expôs, enfim, a brutalidade crua da guerra: “as granadas explodiam nos quartos minúsculos despedaçando homens, mulheres e crianças sobre os quais descia, às vezes, o pesado teto de argila, pesadamente, como a laje de um túmulo, completando o estrago” (Cunha, 2000, p. 207). Embora não tenha acobertado completamente o morticínio, Euclides, todavia, silenciou-se sobre várias atrocidades cometidas em nome da República: degola de prisioneiros, estupros, comércio de mulheres e crianças, atitude compartilhada por quase toda a imprensa. Alguns poucos jornalistas, porém, dos quais

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

se sobressai Afonso Arinos, denunciaram com veemência a crueldade da campanha. Ventura (2019b, p. 183) presume que, em razão da incômoda posição de adido ao Estado-Maior do ministro da Guerra, pela qual recebia ordenança, o escritor pode ter se sentido impedido de criticar o Exército. No campo de batalha, convivia com oficiais e dividia a barraca com o capitão Abílio de Noronha, secretário do general Artur Oscar, o que também explicaria o seu constrangimento. Na longa reportagem de 1º de outubro, o escritor descreveu, ainda, as impressões de sua visita ao hospital de sangue. O quadro pintado é dantesco:

Sem espaço mais dentro das amplas barracas, os feridos acumulavam-se, fora, no chão ensanguentado, sob o cáustico abrasado de um sol inclemente e fulgurante, atordoados pelos zumbidos agourentos e incômodos das moscas fervilhando em número incalculável. Quando à uma hora da tarde contemplei o quadro emocionante e extraordinário, compreendi o gênio sombrio e prodigioso de Dante. Porque há uma coisa que só ele soube definir e eu vi naquela sanga estreitíssima, abafada e ardente [,] mais lúgubre que o mais lúgubre vale do Inferno: a blasfêmia orvalhada de lágrimas, rugindo nas bocas simultaneamente com gemidos da dor e os soluços extremos da morte. Feridas de toda a sorte, em todos os lugares, dolorosas todas, gravíssimas muitas, progredindo numa continuidade perfeita dos pontos apenas perceptíveis das Mannlichers, aos círculos maiores impressos pelas Comblains, aos rombos largos e profundos abertos pelas pontas de chifre, pelos pregos, pelos projéteis grosseiros dos bacamartes e trabucos. Vibrava no ar um coro sinistro de imprecações, queixas e gemidos. Quase todos contorciam-se sob o íntimo acúleo de dores cruciantes, arrastavam-se outros disputando um resto de sombra das barracas, quedavam-se muitos, as mãos cruzadas ou espalmadas sobre o rosto, resguardando-o do sol, imóveis, estóicos, numa indiferença mórbida pelo sofrimento e pela vida. (Cunha, 2000, pp. 216-7)

Moscas fervilhando no ar; o sol abrasador; feridos espalhados pelo chão ensanguentado, com chagas de todos os formatos e tamanhos; a dor atormentadora, torturante; súplicas, queixas, gemidos... Enfim, o horror! A cena infernal insultava o sagrado – era uma blasfêmia em forma de lágrimas, gemidos e morte. Desolado, o escritor confessou: “Quando eu voltei, [...] sentia um desapontamento doloroso e acreditei haver deixado muitos ideais, perdidos, naquela sanga maldita, compartilhando o mesmo destino dos que agonizavam manchados de poeira e sangue” (Cunha, 2000, p. 218).

A realidade cruenta, implacável, arrasou impiedosamente os belos ideais de Euclides. As horrendas cenas testemunhadas perturbaram-no profundamente. Ventura (2019b, p. 182) relata que, “na manhã de 3 de outubro, dois dias antes do fim da guerra, por causa de acessos de febre, provocados pelas condições da guerra, com pilhas de mortos e feridos, falta de comida e noites de sono interrompidas por tiroteios”, o escritor, doente, abandonou Canudos. Naquele dia, enviou dois telegramas: no primeiro, descreveu brevemente o espetáculo desolador da batalha; no outro, vibrou com a vitória das forças republicanas. Depois do término da guerra, abrigou-se, combalido, na fazenda do pai, em Descalvado.

4. Contradição como um destino

Ao longo desse artigo, podemos perceber como a obra de Euclides está intrinsecamente ligada à sua vivência e, principalmente, ao seu momento histórico, repleto de mudanças políticas e de rupturas no tecido social brasileiro. Trata-se, portanto, de um ponto de virada na trajetória do autor, que se encontra diante do desencanto. Observa-se uma relação profunda

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

entre o embate entre o seu ideal e o real, revelado bruscamente através das mazelas da campanha e nas contradições que se fazem visíveis quando Euclides fita nos olhos da guerra.

Ao relacionar alguns momentos de sua fascinante biografia com seus textos e seu momento histórico, podemos depreender a relação profunda entre seu ser social e sua prática literária como uma tentativa de explicar o mundo à sua volta, transposto assim em uma reviravolta de consciência, que, por sua vez, está associada principalmente à ruína dos ideais republicanos. Assim, o desmoronamento desse sonho pode ser entendido e identificado ao longo do período 1886-1896, mas especialmente durante a cobertura da guerra em 1897, que possivelmente o traumatizou. Contribuíram para isso o relacionamento turbulento com o exército, o gênio rebelde de Euclides, a dificuldade para seguir hierarquias e a insatisfação frequente com autoridades e políticos.

Essa mudança ocorre por meio da escrita, arejada pelo contato com a materialidade e as contradições observadas na campanha, fazendo dela uma obra de “literatura realista, na qual a crítica assume o cunho de verdadeira investigação orientada da sociedade” (Candido, 2004, p. 185). Dessa forma, seus escritos ficam marcados pelo posicionamento assertivo do autor, de maneira que a literatura se transforma em ação: “Serei um vingador e terei desempenhado um grande papel na vida – o de advogado dos pobres sertanejos assassinados por uma sociedade pulha, covarde e sanguinária” (Galvão; Galotti, 1997, p. 133).

Levando em consideração essa complexa rede, que tece relações profundas entre literatura e história, podemos perceber como a obra de Euclides passa por um movimento dialético, de forma que o “texto se forma a partir do contexto” (Candido, 2002, p. 82). Isto posto, a matéria social se transpõe em produção escrita - seja nas cartas, telegramas, artigos de jornal

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

e, finalmente, no próprio romance - de maneira que as reflexões desenvolvidas ali contribuem para uma tomada de posicionamento do autor.

Euclides, portanto, pode ser visto como um autor que fita nos olhos da contradição e, ao mesmo tempo, permite que ela o constitua integralmente em seu ser social, concatenando, assim, situações, observações e intervenções em um “livro bárbaro de [sua] mocidade, monstruoso poema de brutalidade e de força” (Galvão; Galotti, 1997, p. 384). *Os Sertões*, ao lado de todos os outros textos analisados ao longo desse artigo, nos permitem uma janela interpretativa para um Brasil que ainda vive “esta contradição como um destino” (Schwarz, 2014, p. 63).

Referências

- Bernucci, L. (2018). Cronologia. In: Cunha, E. da. *Os Sertões: (Campanha de Canudos)*. 5 ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial; São Paulo, SP: Sesi-SP Editora.
- Candido, A. (2002). A literatura e a formação do homem. In: *Textos de Intervenção*. São Paulo, SP: Editora 34.
- Candido, A. (2004). O direito à literatura. In: *Vários Escritos*. Rio de Janeiro, RJ: Ouro Sobre Azul.
- Cunha, E. da. (2018). *Os Sertões: (Campanha de Canudos)*. 5 ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial; São Paulo, SP: Sesi-SP Editora.
- Candido, A. (2000). *Diário de uma expedição*; organização de Walnice Nogueira Galvão. São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- Galvão, W. N. (2000). In: Introdução. Cunha, E. da. *Diário de uma expedição*; organização de Walnice Nogueira Galvão (pp.11-28). São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- Galvão, W. N. (2009). *Euclidianas: ensaios sobre Euclides da Cunha*. São Paulo, SP: Companhia das Letras.

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

Galvão, W. N.; Galotti, O. (1997). *Correspondência de Euclides da Cunha*. São Paulo, SP: Editora da Universidade de São Paulo.

Schwarz, R. (2014). *As ideias fora do lugar*. São Paulo, SP: Penguin, 2014.

Ventura, R. (1996). Euclides da Cunha e a República. *Estudos Avançados*, [S. l.], v. 10, n. 26, p. 275-291. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8928>. Acesso em: 10 ago. 2022.

Ventura, R. (2019a). *A terra, o homem, a luta: um guia para a leitura de "Os sertões", de Euclides da Cunha*. 2. Ed. São Paulo, SP: Três Estrelas.

Ventura, R. (2019b). *Euclides da Cunha: Esboço biográfico*. São Paulo, SP: Companhia das Letras.